

SOBRE A AMIZADE

EXTRATOS DOS LIVROS VIII E IX DA OBRA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Nota: Reuni neste polígrafo algumas das principais passagens dos livros que Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, dedica-se a pensar a questão da *amizade*. Nestes dias tão conturbados pela ganância de uns e outros, pela falta de tempo, pelo atropelo dos dias, pelo fato de que o proveito e do ganho, a utilidade e o dinheiro, muitas vezes parecem ser valores mais importantes que a própria amizade, parece-me relevante dedicarmo-nos a pensar, por um momento, o conteúdo e o sentido da amizade, da *verdadeira amizade*. As reflexões de Aristóteles permanecem, ainda hoje, fontes inspiradoras fundamentais para pensarmos a amizade. "O maior de todos os bens exteriores." - *Celso Candido*

Livro VIII

De forma que essas amizades [por utilidade] são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. (...) se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la.

Os que são amigos por causa da utilidade separam-se quando cessa a vantagem, porque não amavam um ao outro, mas apenas o proveito.

Por conseguinte, quando o que se leva em mira é o prazer ou a utilidade, até os maus podem ser amigos uns dos outros, ou os bons podem ser amigos dos maus, ou aquele que não é bom nem mau pode ser amigo de qualquer espécie de pessoa; mas por si mesmos, só os homens bons podem ser amigos.

A amizade entre os bons, e só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova.

(...) a natureza parece acima de tudo evitar o doloroso e buscar o agradável.

Mal se pode dizer, no entanto que sejam amigos porque não passam os dias

juntos nem se deleitam na companhia um do outro; e estas são consideradas as maiores marcas da amizade.

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo, um excesso de sentimento e está na sua natureza dirigir-se a uma pessoa só); (...) com vistas na utilidade ou no prazer, é possível que muitas pessoas agradem a uma só, pois muitas pessoas são úteis ou agradáveis, e tais serviços não exigem muito tempo.

A amizade que se baseia na utilidade é própria das pessoas de espírito mercantil.

Já dissemos que o homem bom é ao mesmo tempo útil e agradável; mas um tal homem não se torna amigo de quem lhe é superior em posição, a menos que lhe seja superior também pela virtude;

(...) a amizade depende mais do amar do que ser amado, e são os que amam os seus amigos que são louvados, o amar parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só aqueles que amam na medida justa são amigos duradouros, e só a amizade desses resiste ao tempo.

A amizade com vistas na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobre e rico, entre ignorante e letrado; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca.

(...) todas as formas de comunidade são como partes da comunidade política. Por exemplo: é tendo em vista alguma vantagem particular que os homens viajam juntos, e a fim de proverem alguma coisa necessária à vida; e é por causa da vantagem que a comunidade política parece ter-se formado e perdurar, pois esse é o objetivo que os legisladores se propõem, e chamam justo o que concorre para a vantagem comum.

A amizade entre marido e mulher por outro lado, é a mesma que se observa

na aristocracia, já que está de acordo com a virtude: o melhor recebe maior quinhão de bens e cada um recebe o que lhe compete;

A amizade de irmãos é como a de camaradas, porquanto são iguais e próximos uns dos outros pela idade; e tais pessoas, em geral, assemelham-se nos sentimentos e no caráter. E também é semelhante a esta a amizade apropriada ao governo timocrático; pois numa tal constituição o ideal é serem os cidadãos iguais e eqüitativos, e por isso o governo é assumido por turnos numa base de igualdade.

(...) embora nas tiranias mal existam a amizade e a justiça, nas democracias elas têm uma existência mais plena, pois onde há igualdade entre os cidadãos estes possuem muito em comum.

Entre marido e mulher a amizade parece existir por natureza, pois a espécie humana se inclina naturalmente a formar casais - mais do que a formar cidades, já que a família é anterior à cidade e mais necessária do que esta, e a reprodução é comum ao homem e aos animais. (...) tanto a utilidade como o prazer parecem ser encontrados nessa espécie de amizade. Pode ela, no entanto, basear-se também na virtude, se as partes são boas; pois cada uma possui a sua virtude própria, e ambas se deleitam nisso.

As queixas e censuras surgem unicamente ou principalmente nas amizades que se baseiam na utilidade, e isso está conforme ao que seria de esperar. Com efeito, os que são amigos com base na virtude anseiam por fazer bem um ao outro (pois que isso é uma marca de virtude e de amizade), e entre homens que emulam entre si nessas coisas não pode haver queixas nem disputas. Ninguém é ofendido por um homem que o ama e lhe faz bem - e, se é uma pessoa de nobres sentimentos, vinga-se fazendo bem ao outro. E o homem que supera o outro nos serviços prestados não se queixará do seu amigo, visto que obtém aquilo que tinha em vista: com efeito, cada um deles deseja o que é bom

Mas a amizade que se baseia na utilidade é repleta de queixas; porquanto, como cada um se utiliza do outro em seu próprio benefício, sempre querem lucrar na transação, e pensam que saíram prejudicados e censuram seus amigos porque não recebem tudo o que "necessitam e merecem".

(...) todos os homens ou a maioria deles desejam o que é nobre mas escolhem o que é vantajoso; ora, é nobre fazer bem a um outro sem visar a qualquer compensação, mas receber benefícios é que é vantajoso.

(...) de início devemos considerar o homem por quem estamos sendo beneficiados e em que termos ele procede, a fim de aceitar o benefício nesses termos, ou então recusá-lo.

(...) se a amizade é do tipo que visa à *utilidade*, certamente a vantagem para o beneficiado é a medida, porquanto é ele quem solicita o serviço e o outro o ajuda na suposição de que receberá o equivalente. Destarte, a ajuda foi exatamente igual à vantagem do beneficiado, o qual, por conseguinte, deve retribuir com o equivalente do que recebeu, ou mais (pois isso seria mais nobre).

Nas amizades que se baseiam na *virtude*, por outro lado, não surgem queixas, mas o propósito do benfeitor é uma espécie de medida; *pois no propósito reside o elemento essencial da virtude e do caráter.* (g.m.)

(...) a maioria deseja receber benefícios mas evita fazê-los, como coisa que não compensa.

Livro IX

Tais incidentes acontecem quando o amante ama o amado com vistas no prazer, enquanto o amado ama o amante com vistas na utilidade, e nenhum dos dois possuem as qualidades que deles se esperam. Se tais são os objetivos da amizade, esta se dissolve quando os dois não obtêm as coisas que constituíam os

motivos de seu amor; porquanto nenhum deles amava o outro por si mesmo, mas apenas as suas qualidades, e estas não eram duradouras. Eis aí por que essas amizades também são passageiras. Mas o amor dos caracteres, como dissemos, perdura porque só depende de si mesmo.

Surgem desentendimentos quando o que as pessoas obtêm é algo diferente daquilo que desejam.

Mas quando não há contrato de serviço, aqueles que renunciam a alguma coisa no interesse da outra parte não podem, como dissemos, ser acusados, porquanto essa é a natureza da amizade baseada na virtude; e a retribuição lhes deve ser feita de acordo com o seu propósito (pois o propósito é o que caracteriza tanto um amigo como a virtude). (...)

Como acentuamos muitas vezes, as discussões a respeito de sentimentos e ações são tão definidas ou indefinidas quanto os seus objetos.

A todas as pessoas mais velhas, igualmente, devem ser prestadas as honras que convêm à sua idade, erguendo-nos para recebê-las, procurando lugares para elas, etc.; ao passo que aos camaradas e amigos devemos dar liberdade de expressar-se e o uso de todas as coisas em comum.

Se são passíveis de reforma, deveríamos antes procurar ajudá-los no que toca ao seu caráter ou aos seus bens materiais, tanto mais que isso é melhor e mais característico da amizade.

(...) como podem continuar amigos se não aprovam as mesmas coisas, nem se deleitam ou contristam com as mesmas coisas?

As relações amigáveis com seu semelhante e as marcas pelas quais são definidas as amizades parecem proceder das relações de um homem para consigo mesmo.

(...) a virtude e o homem bom parecem, como dissemos, ser a medida de todas as classes de coisas.

Logo, como cada uma destas características pertence ao homem bom em relação a si mesmo, e ele se relaciona para com o seu amigo como para consigo mesmo (pois o amigo é um outro "eu"), pensa-se que a amizade é também um destes atributos, e que aqueles que possuem estes atributos são amigos. (...)

Entretanto, os atributos mencionados parecem pertencer à maioria dos homens, por deploráveis criaturas que eles sejam. Devemos então dizer que, na medida em que estão satisfeitos consigo e se consideram bons, eles participam destes atributos? O certo é que nenhum homem radicalmente mau e ímpio os possui ou sequer parece possuí-los. Não se pode dizer, tampouco, que as pessoas inferiores os possuam, pois tais pessoas não se harmonizam consigo mesmas, e apetezem certas coisas, mas racionalmente desejam outras.

Isto é verdadeiro, por exemplo, dos incontinentes, que escolhem, em lugar das coisas que eles mesmos julgam boas, outras que são agradáveis mas perniciosas; enquanto outras pessoas ainda, por covardia e indolência, se esquivam de fazer o que consideram melhor para elas próprias. (...) E os maus buscam outras pessoas com quem passar os seus dias e fugir de si mesmos; (...) E, não possuindo em si nada de louvável, não sentem nenhum amor por si mesmos. Por isso, tais homens tampouco se alegram ou sofrem consigo próprios; (...)

Por estes motivos o homem mau não parece amigavelmente disposto sequer para consigo mesmo, uma vez que nele não existe nada digno de amor. De modo que, se ter semelhante índole é ser a mais desgraçada das criaturas, devemos envidar todos os esforços para evitar a maldade e procurar ser bons, porque só assim poderemos ser amigos de nós mesmos e dos outros.

A benevolência é uma espécie de relação amigável, mas não se identifica com a amizade, pois que tanto podemos senti-la para com pessoas a quem não

conhecemos como sem que elas próprias o saibam (...). Mas a benevolência não é sequer um sentimento amistoso, já que não envolve intensidade ou desejo, enquanto o sentimento de amizade é acompanhado desses elementos. Além disso, amizade implica intimidade, enquanto a benevolência pode surgir repentinamente, como acontece para com os adversários numa competição (...).

A benevolência parece, pois, ser um começo de amizade, como o prazer dos olhos é o começo do amor. Porque ninguém ama se não se deleitou de início com a forma do ser amado; mas nem por isso o que se deleita com a forma de um outro o ama: é também preciso que sinta a sua falta quando está ausente e que anseie pela sua presença. Do mesmo modo, não é possível que duas pessoas sejam amigas se antes não sentiram benevolência uma para com a outra, mas pelo simples fato de sentirem benevolência não se pode dizer que sejam amigas, porquanto apenas *desejam* bem ao outro, mas não cooperariam em nada com ele nem se dariam ao trabalho de ajudá-lo.

(...) uma cidade é unânime quando os homens têm a mesma opinião sobre o que é de seu interesse, escolhem as mesmas ações e fazem em comum o que resolveram.

(...) há unanimidade (...) apenas quando pensam na mesma coisa *nas mesmas mãos*, por exemplo, quando tanto o povo como os da classe superior desejam que os melhores homens governem; porque assim, e só assim, todos alcançarão o que pretendem.

Com efeito, os credores não têm nenhum sentimento amistoso para com os seus devedores, mas apenas desejam vê-los em segurança por causa do que têm a receber deles; enquanto os que prestaram um serviço a outrem sentem amizade e amor por aqueles a quem serviram, mesmo que estes não lhes sejam de nenhuma utilidade nem jamais possam vir a sê-lo.

(...) nós existimos em virtude da atividade (isto é, vivendo e agindo)

(...) se discute a questão de se um homem deveria amar acima de tudo a si mesmo ou a alguma outra pessoa. (...)

Do homem bom também é verdadeiro dizer que pratica muitos atos no interesse de seus amigos e de sua pátria, e, se necessário, dá a vida por eles. Com efeito, um tal homem de bom grado renuncia à riqueza, às honras e em geral aos bens que são objetos de competição, ganhando para si a nobreza, visto que prefere um breve período de intenso prazer a uma longa temporada de plácido contentamento, doze meses de vida nobre a longos anos de existência prosaica, e uma só ação grande e nobre a muitas ações triviais. (...)

Com razão, pois, é um homem assim considerado bom, visto que escolhe a nobreza acima de tudo. (...)

Também se discute sobre se o homem feliz necessita ou não de amigos. (...) amigos, que são considerados os maiores bens exteriores.

(...) o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade.

(...) o homem feliz necessita de amigos.

(...) a vida é definida, quanto aos animais, pelo poder de percepção, e quanto ao homem, pelo poder de percepção ou de pensamento; e um poder é definido com referência à correspondente atividade, que é a coisa essencial.

(...) se perceber que percebemos ou pensamos é perceber que existimos (pois que a existência foi definida como percepção ou pensamento).

(...) conviver (...) é considerada como a própria característica da amizade.

Parece, pois, que convém não procurar ter o maior número possível de amigos, mas apenas tantos quantos forem suficientes para os fins do convívio, pois ser um grande amigo de muitas pessoas é coisa

que se afigura impossível. Por essa mesma razão, não podemos amar várias pessoas ao mesmo tempo. O ideal do amor é ser como que um excesso de amizade, e isso só se pode sentir por uma pessoa, donde se segue que também só podemos sentir uma grande amizade por poucas pessoas.

Isto parece encontrar confirmação na prática, pois são muito raros os casos de um grande número de pessoas que sejam amigas umas das outras no sentido da amizade-camaradagem, e as amizades famosas dessa espécie são sempre entre duas pessoas. Os que têm muitos amigos e mantêm intimidade com eles passam por não ser amigos de ninguém, salvo dentro dos limites apropriados a concidadãos (...) Por outro lado, não se pode manter com muitas pessoas a espécie de amizade que se baseia na virtude e no caráter de nossos amigos, e devemos dar-nos por felizes se encontrarmos uns poucos dessa espécie.

Necessitamos mais de amigos na prosperidade ou na adversidade? (...)

Com efeito, a própria presença dos amigos é aprazível tanto na boa como na má fortuna, já que nossa dor é menor quando eles a compartilham conosco.

(...) a presença dos amigos parece encerrar uma mistura de vários fatores. O simples fato de vê-los é agradável, especialmente se nos encontramos numa quadra adversa, e torna-se um salvaguarda contra o pesar (pois um amigo tende a confortar-nos tanto pela sua presença como pelas suas palavras, se é uma pessoa de tato, visto conhecer o nosso caráter e as coisas que nos agradam ou nos contristam). Mas vê-los sofrer com nossos infortúnios é doloroso, pois todos evitam causar dor a seus amigos. Por esse motivo os homens de natureza varonil abstêm-se de fazer seus amigos sofrer com eles (...). Mas as mulheres e os homens mulheris gostam de ter pessoas condoídas ao seu redor e amam-nas como amigos e companheiros de pesar.

Segundo parece, pois, deveríamos convocar sem demora os nossos amigos a

compartilhar a nossa ventura (pois as pessoas de caráter benfazejo são nobres), mas hesitar em chamá-los nos dias de infortúnio, pois que de nossos males devemos dar-lhes uma parte tão pequena quanto possível - donde a frase: "já basta o *meu* infortúnio". Acima de tudo, devemos chamar nossos amigos quando eles podem, sem grande trabalho, prestar-nos um grande serviço.

Inversamente, é decoroso acorrer sem ser convidado em auxílio dos que foram colhidos pela adversidade (pois é característico de um amigo prestar serviços...) (...); mas quando nossos amigos são prósperos não devemos hesitar em compartilhar de suas atividades (...), nem nos apressarmos quando se trata de ser beneficiados por eles: porque não é nobre mostrar-se ávido de receber benefícios.

(...) a amizade dos homens bons é boa porque cresce com o companheirismo. E pensa-se que eles se tornam também melhores graças às suas atividades e à boa influência que uns têm sobre os outros; pois cada um recebe dos demais o modelo das características que aprova - e daí a frase: "(aprender) ações nobres de homens nobres".

* Fonte: Coleção *Os Pensadores*, 1972.